

NOME:

LÍNGUA  
PORTUGUESA/REDAÇÃO

QUESTÃO 01



(ENEM/2020) Leia o texto a seguir.

Crítica: ‘O crime do Cais do Valongo’ é literatura da melhor qualidade

*Segundo romance de Eliana Alves Cruz reafirma autora como voz poderosa e contundente*

<sup>1</sup> O início de “O crime do Cais do Valongo”, <sup>2</sup> segundo romance de Eliana Alves Cruz, autora do <sup>3</sup> premiado “Água de barrela”, é um clássico das tramas <sup>4</sup> policiais. Nos tempos de Dom João VI, o corpo de um <sup>5</sup> próspero negociante da região do Valongo é achado <sup>6</sup> em uma ruela carioca. A partir daí, a história se <sup>7</sup> desenvolve, pistas vão sendo deixadas e a narrativa, <sup>8</sup> habilmente construída, circula naquela encruzilhada <sup>9</sup> entre a História e a ficção que pode nos fazer cair <sup>10</sup> na tentação de enquadrar o livro como um romance <sup>11</sup> histórico-policial. Acontece que “O crime do Cais do <sup>12</sup> Valongo” é muito mais do que isso.

<sup>13</sup> Narrado a partir das vozes de dois personagens, <sup>14</sup> o livreiro mestiço Nuno Alcântara Moutinho e a <sup>15</sup> moçambicana escravizada Muana Lomué, o romance <sup>16</sup> apresenta um relato poderoso, cheio de sutilezas. <sup>17</sup> É o cotidiano de um Rio marcado pelo horror da <sup>18</sup> escravidão e, ao mesmo tempo, pela potência da <sup>19</sup> cultura das ruas e da incessante reconstrução de <sup>20</sup> sociabilidades produzidas pelas descendentes de <sup>21</sup> africanas e africanos sequestrados do lado de lá do <sup>22</sup> Atlântico.

<sup>23</sup> Há quem possa ver no romance influência do <sup>24</sup> realismo fantástico. Parece-me limitado ler o livro a <sup>25</sup> partir dessa referência. O que a autora faz é dominar <sup>26</sup> com maestria os códigos de percepção de

mundo <sup>27</sup> dos subalternizados, entendendo a ancestralidade, <sup>28</sup> o corpo mítico como modelador de condutas e os <sup>29</sup> procedimentos de ligação entre o visível e o invisível, <sup>30</sup> expressos em toda a sorte de mandingas, como <sup>31</sup> componentes da sofisticada cosmogonia e dos <sup>32</sup> modos de invenção da vida dos povos saídos das <sup>33</sup> Áfricas. A tragédia da diáspora, afinal, também é um <sup>34</sup> empreendimento inventivo de rara potência.

<sup>35</sup> Outro mérito poderoso do livro reside na <sup>36</sup> apresentação de uma África pouquíssimo vista nas <sup>37</sup> nossas letras: aquela da parte oriental do continente. <sup>38</sup> A unidade portuguesa já é uma ficção. Minhotos, <sup>39</sup> trasmontanos, beirões, alentejanos, algarvios, <sup>40</sup> estremenhos, ribatejanos, açorianos e madeirenses <sup>41</sup> — que normalmente não se encontrariam nem <sup>42</sup> em Portugal — aqui se encontram e redefinem <sup>43</sup> dinamicamente suas culturas, entre violências tantas <sup>44</sup> e afetos vários, no contato conflituoso e/ou negociado <sup>45</sup> com negros que não se viam como africanos, mas <sup>46</sup> como membros de sua aldeia: mandingas, bijagós, <sup>47</sup> fantes, achantis, gãs, jalofos, fons, guns, baribas, <sup>48</sup> gurúnsis, quetos, ondos, ijebus, oiós, ibadãs, benins, <sup>49</sup> hauças ibos, ijós, calabaris, teques, bamuns, ijexás, <sup>50</sup> anzicos, congos, andongos, songos, pendes, lenjes, <sup>51</sup> ovimbundos, nupês, ovambos, macuas, mangajas, e <sup>52</sup> outros tantos.

<sup>53</sup> Não se imagine, todavia, que o livro caia no <sup>54</sup> didatismo rasteiro que prende a narrativa com âncoras <sup>55</sup> pesadas. A história é fluente, extremamente bem <sup>56</sup> contada, mescla figuras reais — como o Intendente <sup>57</sup> Geral e a cantora lírica Joaquina Lapinha — com <sup>58</sup> inventadas, mergulha nas notícias da “Gazeta do Rio <sup>59</sup> de Janeiro” e transforma a cidade em personagem <sup>60</sup> fundamental da trama.

<sup>61</sup> A cidade cindida pela Pedra do Sal, que tentou <sup>62</sup> afastar da Corte o horror do comércio negreiro feito <sup>63</sup> pelas bandas do Valongo, é também a cidade cerzida <sup>64</sup> por aqueles que tiveram a sua humanidade negada <sup>65</sup> pela coisificação e o sequestro.

<sup>66</sup> Um livro escrito por uma autora negra, com <sup>67</sup> protagonistas negros e contado a partir dos saberes <sup>68</sup> afro-cariocas, já seria importante em um país em que <sup>69</sup> o mercado editorial reproduz nossa desigualdade <sup>70</sup> gritante. Além disso, “O crime do Cais do Valongo” <sup>71</sup> é literatura da melhor qualidade e firma Eliana <sup>72</sup> Alves Cruz como uma voz poderosa e contundente <sup>73</sup> da literatura brasileira. Como diz em certo trecho a <sup>74</sup> protagonista Muana, “uma mulher do meu povoado <sup>75</sup> jamais poderia deixar seus antepassados de lado”. A <sup>76</sup> literatura de Eliana faz exatamente isso.

Disponível em: <https://tinyurl.com/yh8q33qp> Acesso em: 23 jul. 2018. Adaptado.

A coesão textual se faz com o uso de diferentes recursos, entre eles, estratégias de referenciação, em que elementos retomam palavras, expressões e até frases inteiras.

A expressão em destaque retoma exatamente o sentido do trecho indicado entre colchetes em:

- (A) A partir daí, a história se desenvolve, pistas vão sendo deixadas” (Refs. 6-7) – [Nos tempos de Dom João VI]
- (B) “Acontece que ‘O crime do Cais do Valongo’ é muito mais do que isso” (Refs. 11-12) – [romance histórico-policia]
- (C) “Parece-me limitado ler o livro a partir dessa referência” (Refs. 24-25) – [romance]
- (D) “O que a autora faz é dominar com maestria os códigos de percepção de mundo dos subalternizados” (Refs. 25-27) – [Muana Lomué]
- (E) “A literatura de Eliana faz exatamente isso” (Refs. 75-76) – [deixar seus antepassados de lado]

## QUESTÃO 02

(FUVEST/2019) Leia o texto a seguir.

Seria difícil encontrar hoje um crítico literário respeitável que gostasse de ser apanhado defendendo como uma ideia a velha antítese estilo e conteúdo. A esse respeito prevalece um religioso consenso. Todos estão prontos a reconhecer que estilo e conteúdo são indissolúveis, que o estilo fortemente individual de cada escritor importante é um elemento orgânico de sua obra e jamais algo meramente “decorativo”.

Na prática da crítica, entretanto, a velha antítese persiste praticamente inexpugnada.

Susan Sontag. “Do estilo”.

Contra a interpretação.

Consideradas no contexto, as expressões “religioso consenso”, “orgânico” e “inexpugnada”, sublinhadas no texto, podem ser substituídas, sem alteração de sentido, respectivamente, por

- (A) místico entendimento; biológico; invencível.  
(B) piedoso acordo; puro; inesgotável.  
(C) secular conformidade; natural; incompreensível.  
(D) fervorosa unanimidade; visceral; insuperada.  
(E) espiritual ajuste; vital; indomada.



### QUESTÃO 03

(USF/2019) Leia o texto a seguir.

Homem paraplégico volta a andar após estimulação elétrica nos EUA

Pesquisa ainda precisa ser expandida para que cientistas saibam quem poderá se beneficiar da terapia

Um paciente que ficou paraplégico em 2013 após um acidente conseguiu se manter em pé e dar alguns passos sem assistência graças a um tratamento de estimulação elétrica em sua medula espinhal.

É o primeiro caso de caminhada independente de uma pessoa com paralisia completa dos membros inferiores após lesão na medula, segundo artigo publicado nesta segunda (24) na revista científica Nature Medicine.

Os pesquisadores afirmam que, mesmo com um diagnóstico de total perda do controle motor, ainda é possível encontrar conexões neurais intactas no local do ferimento, e esses vínculos podem ser excitados.

O tratamento do americano Jered Chinnock, 29, começou com 22 semanas de reabilitação física. Em seguida, ele recebeu o implante de um eletrodo — responsável pela estimulação elétrica e inicialmente destinado para terapia contra dor— no canal medular, abaixo da área lesionada.

O eletrodo tem comunicação sem fio com uma central, o que permite controle fino sobre local, frequência e duração da estimulação elétrica.

O estímulo aplicado precisa ser muito específico para ter efeito. "Uma estimulação aleatória não funciona", afirmou em entrevista a jornalista Kendall Lee, um dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa.

Depois, o paciente passou por 43 semanas —cerca de 113 visitas durante um ano à Mayo Clinic, em Rochester, Minnesota (EUA) — de reabilitação multimodal junto à estimulação elétrica, que permitiu que os neurônios recebessem a sinalização da intenção de movimento.

"Isso nos mostra que essa rede de neurônios ainda pode funcionar depois da paralisia", disse Lee, um dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa.

Em uma esteira, o paciente conseguiu pisar e desenvolver uma caminhada somente com apoio dos próprios braços, sem assistência de treinadores ou aparelhos de sustentação de peso. Ao se movimentar no chão, foi necessário o auxílio de um andador com rodas e a ajuda de um assistente para facilitar o controle das passadas e do peso corporal.

O paciente conseguiu dar 331 passos, andar 102 metros e caminhar por 16 minutos com alguma assistência.

Christina de Brito, fisiatra do Hospital Sírio-Libanês que não teve participação na pesquisa, afirma que a

estimulação elétrica em casos de lesões completas é utilizada para ativar a musculatura —evitando encurtamento de fibras e fazendo movimentos que eram habituais— e para aprimorar os músculos para possíveis recursos terapêuticos futuros. O que precisa evoluir na prática clínica, segundo ela, é a funcionalidade do estímulo, como a apresentada no estudo.

"Agora começa o verdadeiro desafio, que é entender como a caminhada aconteceu, por que e quais pacientes conseguirão se beneficiar", afirmou Kristin Zhao, cientista também responsável pelo projeto.

Segundo os pesquisadores, ainda são necessários estudos mais amplos e com mais pacientes para determinar a validade e a eficácia do uso associado de terapia multimodal e estimulação elétrica.

Apesar da ressalva de que é preciso cuidado para não generalizar um relato de caso como possibilidade de tratamento para todos, Brito diz que se trata de uma boa notícia. "Abre-se uma perspectiva, uma possibilidade."

A pesquisadora do Sírio-Libanês também aponta para possibilidades terapêuticas futuras relacionada a exoesqueletos, que, mesmo com as evoluções tecnológicas recentes, ainda são pesados e não tão funcionais. "Eles não funcionam com você vestindo e saindo andando, como imaginamos para o futuro."

Disponível em: <https://tinyurl.com/yh8q33qp> Acesso em: 24 out. 2018.

Em textos escritos e falados, sempre há, à nossa disposição, várias opções de elementos de coesão responsáveis por estabelecer importantes relações linguísticas entre palavras, orações, frases e parágrafos.

Qual dos tradicionais itens de coesão a seguir não foi usado na construção dos três primeiros parágrafos do texto anterior (trecho que inicia em "Um paciente" e se estende até "ser excitados")?

- (A) Pronome relativo (elemento que retoma um termo anterior a fim de que sua repetição seja evitada).
- (B) Conjunção integrante (elemento que introduz uma informação nova em uma oração subordinada).
- (C) Conjunção adversativa (elemento que veicula contraste entre duas informações quaisquer).
- (D) Expressão de concessão (elemento que marca uma quebra de expectativa).
- (E) Conectivo conformativo (elemento que expressa relação de concordância entre dois termos).



## QUESTÃO 04



(Puc-SP/2019) Leia os textos a seguir.

### Amizades dilaceradas

“Em nosso tempo, aprendemos a submeter a amizade àquilo que chamamos de convicções. E até mesmo com o orgulho de uma retidão moral. É preciso realmente uma grande maturidade para compreender que a opinião que nós defendemos não passa de nossa hipótese preferida, necessariamente imperfeita, provavelmente transitória, que apenas os muito obtusos podem transformar numa certeza ou numa verdade. Ao contrário da fidelidade pueril a uma convicção, a fidelidade a um amigo é uma virtude, talvez a única, a última. Hoje, eu sei: na hora do balanço final, a ferida mais dolorosa é a das amizades feridas; e nada é mais tolo do que sacrificar uma amizade pela política.”

O trecho acima é parte do ensaio “A Inimizade e a Amizade”, no qual o escritor Milan Kundera fala de relações fraturadas por divergências políticas. Foi escrito em 2009, mas nos ajuda a fazer uma reflexão necessária no momento atual. Vale mesmo se engalfinhar nas redes sociais com amigos, conhecidos, colegas de trabalho, por causa de política?

Nas eleições, em 2014, escrevi neste espaço pela primeira vez sobre o ringue de MMA no qual as redes sociais tinham se transformado. Só piorou. De lá pra cá as pessoas passaram a se sentir muito à vontade para escrever as maiores barbaridades sem se sentirem constrangidas porque encontraram eco em suas idiotices. Ficou claro que muitos de nossos amigos não primam pela inteligência, pela solidariedade, desprezam minorias, são coniventes com corrupção, compartilham *fake news* e se sentem muito espertos. Também caí na cilada de me achar muito mais sabida do que gente que pensa diferente. Fui mordida pela mosquinha da razão, perdi a paciência, fui arrogante e intransigente.

Tenho uma lista (não muito grande) de amizades desfeitas ou de relacionamentos estremecidos por causa de política. E, hoje, com o cenário ainda mais conturbado, lamento profundamente que as coisas tenham tomado esse caminho. Sinto saudade de alguns mais próximos e de conhecidos que eram para mim

sempre uma alegria rever num *post* ou num boteco. Amizades nascem pela empatia, crescem com afinidades, ainda que não sejam determinadas apenas por isso, mas por muitos critérios subjetivos, se fortalecem com tempo, carinho e dedicação. Não deveriam terminar por divergências políticas, porque elas sempre existirão.

Mesmo com amigos muitos próximos, com parentes queridos, e até com meu marido, tenho grandes diferenças sobre muitas questões. Nada que agrida minhas crenças fundamentais, mas ainda assim temas que rendem conversas acaloradas, em que os ânimos se agitam, as vozes se alteram. Em português arcaico, a gente fica puto com a opinião do outro e dá uns gritos mesmo para se fazer ouvir, mas, no final, todo mundo se abraça e pede uma saideira, porque a gente gosta mais um do outro do que de político. Qualquer um. Mas não é todo mundo que pensa dessa maneira. Há quem idolatre candidatos com o mesmo fanatismo com o qual reverencia divindades. E pior do que a cegueira religiosa só mesmo a política.

Ao analisar as amizades desfeitas, percebi que a maioria delas aconteceu justamente com pessoas que resolveram brincar de cabos eleitorais. E com esses a conversa parece estar perdida. É avatar no perfil das redes sociais, treta em nome de candidato, ódio, ameaça de vingança.

Minhas batalhas são sempre inglórias porque, em geral, estou na posição de criticar e não de canonizar, mas de que adianta se político virou, para muitos, herói ou santo? Acho difícil acreditar que em 2018, com toda a classe exposta com a bunda na janela, tenha gente que se preste ao papel de lambe-botas (com respeito ao leitor não escrevo o que gostaria) de candidato.

E eu, apesar de ser boa pessoa, limpinha, não ter o nome no SPC, não parar em fila dupla, não usar carteirinha de estudante falsificada e ter sempre ficado ao lado dos meus amigos na alegria e na ressaca, fui trocada por alguns por promessas de campanha. Um diz que vai fazer o Brasil ser feliz de novo, outro assegura união para o Brasil mudar, tem aquele que fala que vai ter mais Brasil. A concorrência é grande.

Uma das poucas coisas que posso oferecer é minha mais singela fidelidade, virtude que Kundera enaltece. Também faço uma moqueca baiana de lambar os

beijos. Duvido que algum desses candidatos seja páreo para isso. Por outro lado, está cheio de gente que foca no ódio ao coentro e que não liga muito para esse negócio de amizade.

Mariliz Pereira Jorge. *Jornalista e roteirista de TV. Folha de S. Paulo, 18 set. 2018* {Adaptado} Disponível em: <https://tinyurl.com/yj849oby> Acesso em: 23 set. 2018.

## Texto II

### Fanatismo, fanatismos

Fanático por caipirinha. Fanático por samba. Fanático por viagens. Há fanáticos para tudo. **Ou melhor**, há fanáticos e fanáticos. O problema é que, por ser empregada tão à vontade (aliás, como tantas outras), a palavra fanatismo banalizou-se, perdendo em força e conteúdo. **Entretanto**, parece óbvio que um “fanático por novela” é algo bem diferente (e bem menos perigoso) que um “nazista fanático”.

Fanático é um termo cunhado no século XVIII para denominar pessoas que seriam partidárias extremistas, exaltadas e acríicas de uma causa religiosa ou política. O grande perigo do fanático consiste exatamente na certeza absoluta e incontestável que ele tem a respeito de suas verdades. Detentor de uma verdade supostamente revelada especialmente para ele pelo seu deus, (**portanto** não uma verdade qualquer, mas A Verdade), o fanático não tem como aceitar discussões ou questionamentos racionais com relação àquilo que apresenta como sendo seu conhecimento: a origem divina de suas certezas não permite que argumentos apresentados por simples mortais se contraponham a elas: afinal, como colocar, lado a lado, dogmas divinos e argumentos humanos?

Pode-se argumentar que as palavras de Hitler ou as de Mao mobilizaram fanáticos tão convictos como os religiosos e não tinham origem divina. Ora, de certa forma, eles eram cultuados como deuses e suas palavras não podiam ser objeto de contestação, do mesmo modo que ocorre com qualquer conhecimento de origem dogmática. É condição do fanático a irracionalidade.

[...]

Num tempo de homens-bomba, atentados terroristas, manifestações racistas, ações extremistas, pensar o fanatismo é atual, relevante e urgente.

[...]

Os fanáticos, como nos explica o escritor Amós Oz, são “aqueles que acreditam que o fim, qualquer fim, justifica os meios”, que acham que a justiça – ou o que quer que queiram dizer com a palavra justiça –, seus valores, suas convicções e crenças são mais importantes do que a vida. São aqueles que, se julgarem algo mau, consideram legítimo procurar eliminá-lo, junto com seus vizinhos.\*

[...]

O assunto é preocupante. Qualquer pessoa de bom senso sabe que o fanatismo já provocou muito estrago. É mais que hora de ser identificado, compreendido e combatido. **Para tanto**, é preciso saber reconhecê-lo em suas diversas manifestações. Saber até onde foi para se ter uma ideia de até onde poderá ir, se não for detido.

Ou ter o seu conceito definitivamente transformado, num mundo menos louco. Que tal fanático por livros? Ou fanático por chocolate? E, que Mozart nos perdoe, fanático por Beethoven?

\* Contra o fanatismo – Amós Oz (Rio de Janeiro, Ediouro, 2004).

Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky In: PINSKY, J.; PINSKY, C.B. (Org.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 10-13. [Adaptado]

No texto 2, estão em destaque quatro elementos coesivos. Aponte a relação de sentido por eles estabelecida, considerando a ordem em que são empregados.

- (A) Retificação, contraste, conclusão e condição.
- (B) Oposição, concessão, contradição e finalidade.
- (C) Contraposição, conclusão, oposição e explicação.
- (D) Inclusão, oposição, contraste e temporalidade.
- (E) Explicação, oposição, finalidade e conclusão.



## QUESTÃO 05



Leia o texto a seguir.

ROMEU E JULIETA, ATO II, Cena II – Jardim dos Capuletos. Entra Romeu.

ROMEU – Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo.

(Julieta aparece na janela.)

Mas silêncio! Que luz se escoia agora da janela? Será Julieta o sol daquele oriente? Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, por ter visto que, como serva, és mais formosa que ela.

[...]

JULIETA – Ai de mim!

ROMEU – Oh, falou! Fala de novo, anjo brilhante, porque és tão glorioso para esta noite,

[...]

JULIETA – Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu? Renega o pai, renuncie o seu nome; ou então, se não quiseres, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo.

ROMEU (à parte) – Continuo ouvindo-a mais um pouco, ou lhe respondo?

JULIETA – Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.

ROMEU – Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.

[...]

JULIETA – Dize-me como entraste e porque vieste. Muito alto é o muro do jardim, difícil de escalar, sendo o ponto a própria morte - se quem és atendermos - caso fosses encontrado por um dos meus parentes.

ROMEU – Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso, tentando o amor tudo o que o amor realiza. Teus parentes, assim, não poderiam desviar-me do propósito.

JULIETA – No caso de seres visto, poderão matar-te.

ROMEU – Ai de mim! Há mais risco em seu olhar do que em suas espadas. Seu carinho é a única barreira ao seu rancor. [...]

Disponível em: <https://tinyurl.com/yazkgtux>. Acesso em: 12 nov. 2018

A coesão referencial é muito importante na construção de um texto, pois possibilita que não haja uma repetição excessiva de termos, garantindo uma leitura mais fluida.

Releia os trechos.

Trecho I – “Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título [...]”

Trecho II – “Há mais risco em seu olhar do que em suas espadas”.

Os elementos destacados nos dois trechos fazem referência, respectivamente, aos termos

- (A) Romeu, Julieta e os parentes de Julieta.
- (B) perfume, amor e soldados.
- (C) inimigo, Julieta e barreiras.
- (D) Romeu, barreira e soldados.
- (E) perfume, amor e os parentes de Julieta.

Disponível em: <http://gg.gg/uhig5> Acesso em: 25 abr. 2021.



## QUESTÃO 06

(UFF/2005) Leia o texto a seguir.

O Bicho

Manuel Bandeira

- 01 Vi ontem um bicho
- 02 Na imundície do pátio
- 03 Catando comida entre os detritos.
- 04 Quando achava alguma coisa,
- 05 Não examinava nem cheirava:
- 06 Engolia com voracidade.
- 07 O bicho não era um cão,
- 08 Não era um gato,
- 09 Não era um rato.
- 10 O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, M. *Poesias completas*.  
4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

O poema acima apresenta elementos linguísticos de coesão que contribuem para articulação do sentido entre suas partes. Baseado nesta ideia, é correto dizer

(A) se retoma o elemento **bicho** (Ref. 01), através da referenciação catafórica por meio da elipse, que está indicada na forma verbal presente no enunciado “Quando **achava** alguma coisa” (Ref. 04).

(B) pelas desinências empregadas no verbo **examinava** (Ref. 05), é possível fazer um movimento retrospectivo para recuperar o termo que está elíptico, no caso, o pronome eu.

(C) O uso dos artigos indefinido em **um bicho** (Ref. 1) e definido em **o bicho** (Ref. 7) serve para mostrar que, no primeiro caso, a visão do enunciador é a de um **bicho**, que ainda está por se definir; e, no segundo caso, a visão é a de que já se conhece qual é **o bicho** a que se está referindo.

(D) O advérbio ontem (Ref. 1) faz referência a um tempo posterior ao do momento em que o enunciador do poema relata o fato.

(E) a repetição do advérbio não, nos três últimos versos do poema, reitera a reação do eu lírico diante da indignação ao assistir aquela cena.

## QUESTÃO 07

(IFMT/2012) Leia o texto a seguir.

**Não há vagas**

Ferreira Gullar

O preço do feijão  
não cabe no poema. O preço  
do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
a luz o telefone  
a sonegação  
do leite  
da carne  
do açúcar  
do pão

O funcionário público  
não cabe no poema  
com seu salário de fome  
sua vida fechada  
em arquivos.  
Como não cabe no poema  
o operário  
que esmerila seu dia de aço  
e carvão  
nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,  
está fechado:  
"não há vagas"

Só cabe no poema  
o homem sem estômago  
a mulher de nuvens  
a fruta sem preço

O poema, senhores,  
não fede  
nem cheira

Gullar, Ferreira in '*Antologia Poética*'.

Disponível em: <https://tinyurl.com/ygb3tg5s> Acesso em 08 de ago. 2018.

Considerando os recursos linguísticos que atuam na construção dos sentidos do poema, avalie as seguintes afirmativas:

- I. A recorrência das estruturas sintáticas funciona como um elemento de coesão textual e não interfere na formação do ritmo do poema.
- II. O vocativo senhor é dirigido aos leitores e, ironicamente, aos poetas que produzem poemas que não fedem e não cheiram.
- III. A frase “não fede nem cheira” está empregada em sentido conotativo e expressa uma ideia de indiferença.
- IV. As aspas em “Não há vagas” são empregadas porque se trata de uma gíria utilizada no âmbito do mercado de trabalho.

É correto apenas o que se afirmar em

- (A) II e III
- (B) I e III
- (C) I e IV
- (D) II, III e IV
- (E) I, II e III



## QUESTÃO 08



Leia o texto a seguir.

Artistas do hip-hop estadunidense costumam incorporar \_\_\_\_\_ seus shows elementos altamente tecnológicos. É o que faz o rapper Drake, com o uso de drones no palco durante seu single *Elevate*. A empresa de drones está satisfeita \_\_\_\_\_ uso de seus dispositivos aéreos nos shows do rapper: “Drake é o melhor \_\_\_\_\_ podemos chegar”, disse Raffaello D’Andrea, fundador da Verity. Um concerto ao ar livre representa desafios para o voo dos drones devido \_\_\_\_\_ intempéries climáticas e restrições de espaço, além do público. O mau funcionamento poderia ocasionar a queda dos drones na multidão, de forma que foi decidido que os dispositivos voadores ficassem apenas na região próxima \_\_\_\_\_ palco, em volta do artista.

Disponível em: <https://canaltech.com.br>. Acesso em: 25 abr. 2021. Adaptado.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

- (A) a ... pelo ... que ... as ... do
- (B) em ... com o ... a que ... a ... ao
- (C) nos ... do ... em que ... às ... o
- (D) para ... com o ... que ... às ... do
- (E) a ... pelo ... a que ... à ... ao





## QUESTÃO 09

(UECE/2018) Leia o texto a seguir.

A imigrante italiana que se formou em nutrição aos 87 anos escreveu o TCC inteiro à mão

<sup>154</sup> Os cabelos brancos de Luísa Valencic <sup>155</sup> Ficara contrastaram com a juventude dos <sup>156</sup> colegas durante sua formatura. Nascida na <sup>157</sup> Itália, Luísa imigrou para a América do Sul <sup>158</sup> durante a Segunda Guerra Mundial, viveu <sup>159</sup> em três países sul-americanos e se <sup>160</sup> estabeleceu em Jundiáí, no interior de São <sup>161</sup> Paulo. Aos 87 anos, ela acaba de se formar <sup>162</sup> em nutrição.

<sup>163</sup> Dona Luísa, como é conhecida, vive <sup>164</sup> na cidade há 40 anos. Após o <sup>165</sup> falecimento do marido e de sua irmã, ela <sup>166</sup> decidiu voltar a estudar para se manter <sup>167</sup> ocupada. Foi assim que surgiu a ideia de se <sup>168</sup> matricular no curso de nutrição do Centro <sup>169</sup> Universitário Padre Anchieta. A graduação <sup>170</sup> foi concluída após seis anos de estudos, <sup>171</sup> com um TCC sobre a cana-de-açúcar no <sup>172</sup> Brasil. Segundo informações do Grupo <sup>173</sup> Anchieta, todo o trabalho foi escrito à mão. <sup>174</sup> Colegas, professores e funcionários da <sup>175</sup> instituição ajudaram com a parte da <sup>176</sup> digitação, configuração e impressão do <sup>177</sup> trabalho, para apoiar Dona Luísa.

<sup>178</sup> Mas a graduação não é o limite para <sup>179</sup> a idosa. Ela, que também frequenta aulas <sup>180</sup> de alemão, inglês e francês, já está <sup>181</sup> pensando em ingressar em um curso de <sup>182</sup> pós-graduação para continuar estudando, <sup>183</sup> segundo contou ao G1.

Disponível em: <https://tinyurl.com/yzhfhgfa> Acesso: 23. set. 2017

A notícia acima apresenta elementos coesivos que ajudam na “costura” temática do texto. A partir dessa ideia, é correto asseverar que

(A) o pronome “sua” (Ref. 156) se relaciona à “juventude” (Ref. 155).

(B) “todo o trabalho” (Ref. 173) retoma “graduação” (Ref. 169).

(C) “instituição” (Ref. 175) substitui “Grupo Anchieta” (Refs. 172-173).

(D) “cidade” (Ref. 164) refere-se à “Itália” (Ref. 157).

(E) o pronome “ela” refere-se à graduação que Dona Luísa fez.

## QUESTÃO 10

(UECE/2018) Leia o texto a seguir.

Não se zanguem

<sup>01</sup> A cartomancia entrou decididamente na vida <sup>02</sup> nacional.

<sup>03</sup> Os anúncios dos jornais todos os dias <sup>04</sup> proclamam aos quatro ventos as virtudes <sup>05</sup> miríficas das pitonisas.

<sup>06</sup> Não tenho absolutamente nenhuma ojeriza <sup>07</sup> pelas adivinhas; acho até que são bastante <sup>08</sup> úteis, pois mantêm e sustentam no nosso <sup>09</sup> espírito essa coisa que é mais necessária à <sup>10</sup> nossa vida que o próprio pão: a ilusão.

<sup>11</sup> Noto, porém, que no arraial dessa gente que <sup>12</sup> lida com o destino, reina a discórdia, tal e qual <sup>13</sup> no campo de Agramante.

<sup>14</sup> A política, que sempre foi a inspiradora de <sup>15</sup> azedas polêmicas, deixou um instante de sê-lo <sup>16</sup> e passou a vara à cartomancia.

<sup>17</sup> Duas senhoras, ambas ultravidentes, <sup>18</sup> extralúcidas e não sei que mais, aborreceram-se <sup>19</sup> e anda uma delas a dizer da outra cobras e <sup>20</sup> lagartos.

<sup>21</sup> Como se pode compreender que duas <sup>22</sup> sacerdotisas do invisível não se entendam e <sup>23</sup> deem ao público esse espetáculo de brigas tão <sup>24</sup> pouco próprio a quem recebeu dos altos <sup>25</sup> poderes celestiais virtudes excepcionais?

<sup>26</sup> A posse de tais virtudes devia dar-lhes uma <sup>27</sup> mansuetude, uma tolerância, um abandono <sup>28</sup> dos interesses terrestres, de forma a impedir <sup>29</sup> que o azedume fosse logo abafado nas suas <sup>30</sup> almas extraordinárias e não rebentasse em <sup>31</sup> disputas quase sangrentas.

<sup>32</sup> Uma cisão, uma cisma nessa velha religião de <sup>33</sup> adivinhar o futuro, é fato por demais grave e <sup>34</sup> pode ter consequências desastrosas.

<sup>35</sup> Suponham que F. tenta saber da cartomante X <sup>36</sup> se coisa essencial à sua vida vai dar-se e a <sup>37</sup> cartomante, que é dissidente da ortodoxia, por <sup>38</sup> pirraça diz que não.

<sup>39</sup> O pobre homem aborrece-se, vai para casa de <sup>40</sup> mau humor e é capaz de suicidar-se.

<sup>41</sup> O melhor, para o interesse dessa nossa pobre <sup>42</sup> humanidade, sempre necessitada de ilusões, <sup>43</sup> venham de onde vier, é que as nossas <sup>44</sup> cartomantes vivam em paz e se entendam <sup>45</sup> para nos ditar bons horóscopos.

(BARRETO, Lima. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.)

A referenciação textual pode ser definida como a retomada de termos e ideias que garantem a coesão e a progressão de sentido do texto por meio de elementos linguísticos. Um exemplo desse procedimento, ao longo da crônica de Lima Barreto, se dá com o uso do termo “cartomantes”, que é retomado por alguns referentes textuais, estabelecendo diferentes sentidos com estes referentes. Atente ao que se diz a seguir a respeito disso:

I. Ao substituir “cartomantes” pelo termo “pitonisas” (Ref. 05), o autor pretende mostrar que o trabalho da cartomancia tem uma longa tradição histórica.

II. Ao afirmar, no terceiro parágrafo, que não tem “nenhuma ojeriza pelas adivinhas” (Refs. 06-07), o autor recupera cartomantes pelo termo adivinhas, justificando que a prática de adivinhar o futuro cumpre sua função útil e necessária no cotidiano das pessoas, que é a função de iludir.

III. Ao se referir às “cartomantes” pela expressão “dessa gente que lida com o destino” (Refs. 11-12), o autor se apresenta numa relação afetuosa de muita proximidade com as cartomantes.

IV. Ao empregar o referente “duas sacerdotisas do invisível” (Refs. 21-22) para fazer alusão às “duas senhoras” (cartomantes) (Ref. 17), o autor procura salientar, ironicamente, a dimensão religiosa do ofício profético da cartomancia.

Está correto o que se afirmar em

- (A) I, II, III e IV.
- (B) I, II e IV somente.
- (C) I, III e IV somente.
- (D) II, e III somente.
- (E) IV somente



## GABARITO

Questão 01 – B

Questão 02 – D

Questão 03 – C

Questão 04 – A

Questão 05 – A

Questão 06 – C

Questão 07 – A

Questão 08 – B

Questão 09 – C

Questão 10 – B